



DIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA 2023.03.01

Discurso Presidente do Conselho Geral

Gabriela Figueiredo Dias

Magnífico Reitor, Prof. Doutor Amílcar Falcão

Exmos. Senhores Vice-Reitores

Exma. Senhora Dr^a Leonor Beleza, vencedora do Prémio Universidade de Coimbra

Exmo. Senhor General Ramalho Eanes e Senhora

Demais autoridades militares

Exmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal de Coimbra, Prof. Doutor José Manuel Silva

Exmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal da Figueira da Foz, Dr. Pedro Santana Lopes

Exma. Senhora Presidente da Fundação Santander, Dr^a Inês Oom

Exmo. Senhor Presidente da Direção Geral da Associação Académica de Coimbra, Dr. João Caseiro,

Exmas. Senhoras e Exmos. Senhores Alunos, Funcionários, Docentes e Investigadores da Universidade de Coimbra

Exmo. Senhor Coordenador da Comissão de Trabalhadores da UC, Dr. António Trindade

Presidente da Associação dos Antigos Estudantes da Universidade de Coimbra, Dr. Jorge Castilho

Exmos. Senhores Diretores das Faculdades, restantes Unidades Orgânicas e Unidades de Extensão Cultural e de Apoio à Formação

Exmo. Senhor Capelão da UC

1





Exmas. Senhoras e Exmos. Senhores Membros do Conselho Geral

Exmas. Senhoras e Exmos. Senhores Membros do Senado

Restantes Autoridades e Personalidades Cívicas

Minhas Senhoras e Meus Senhores

É com renovada honra que participo em mais uma cerimónia solene de celebração do Dia da Universidade na qualidade de Presidente do Conselho Geral.

Nunca celebraremos o suficiente estes 733 anos de história e o que de tão único e valioso se foi construindo e distribuindo à comunidade ao longo destes mais de 7 séculos, em tantas e tão diferentes dimensões: na educação e na investigação, desde logo, enquanto missão de primeira linha da Universidade; no património arquitetónico, reconhecido como património mundial pela UNESCO e no espólio artístico e bibliográfico, de que é um exemplo e expoente máximo a Biblioteca Joanina; na formação alargada da comunidade estudantil, ao nível cultural, artístico e desportivo, no desenvolvimento de instrumentos de apoio e desenvolvimento social, na relação com a cidade, mas também com outras universidades e comunidades além fronteiras. Na afirmação, ainda, do prestígio da Universidade de Coimbra, ao longo destes séculos, através de personalidades nela formadas e na qual foram formadores, pelo exercício da docência e da investigação, nas mais diversas áreas do conhecimento, que se destacaram e destacam em posições de liderança, de serviço público aos mais alto nível, do empreendedorismo, no exercício de responsabilidades políticas ou profissionais de topo, na liderança de projetos nacionais e internacionais de grande relevo.

Não me alongo mais na enumeração daquilo de que todos, nesta sala, são legatários e testemunhas, e que nos faz estar aqui hoje com o orgulho de sermos, de uma forma ou de outra, parte deste projeto único, desejando as maiores felicidades à Universidade de Coimbra pelo menos para os próximos 733 anos.





Dois anos decorridos no exercício da Presidência o Conselho Geral desta Universidade, são hoje, todavia, mais claros os desafios que a UC terá de enfrentar e superar, bem como as oportunidades que terá de abraçar, para ganhar o futuro.

Permitam-me que mencione apenas alguns desses desafios e oportunidades, que, não esgotando um vasto elenco, se perfilam, na minha perspetiva, como importantes áreas de reflexão e de ação no imediato e num futuro muito próximo para a Universidade de Coimbra:

Gostava de referir, entre esses desafios e oportunidades, o contributo ativo para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas, tão magistralmente definidos pelo seu Presidente António Guterres, a quem foi atribuído o Prémio UC no ano passado. A sustentabilidade ambiental e social, a inclusão social, a diversidade, a proteção dos direitos humanos, a proteção das minorias e a promoção transversal do bem estar dos cidadãos ganharam projeção e uma afirmação a nível planetário, induzindo uma transformação global das políticas, da regulação e dos modelos de negócio, a par com uma revolução cultural e de mentalidade. A Universidade de Coimbra tem apresentado um desempenho notável nesta matéria, como o demonstra a sua qualificação como a universidade mais sustentável a nível nacional e da Europa. Mas se é um facto que a UC internalizou práticas e modelos que determinaram esta distinção, será importante aprofundar este caminho e sobretudo, ampliar o impacto que a Universidade pode criar na comunidade ao nível da promoção da sustentabilidade. Um outro desafio importante é o da inovação, nas suas múltiplas manifestações. A inovação, que tem sido sempre um motor de desenvolvimento ao longo da história, tornou-se hoje um fator fundamental de resiliência e até de sobrevivência de qualquer sistema, projeto ou organização face aos desafios da evolução económica, tecnológica e social. Um elemento crítico de criação de valor para todos os cidadãos e para a comunidade.





A Universidade de Coimbra tem-se afirmado, ao longo dos últimos anos, como um polo de referência no desenvolvimento da inovação e empreendedorismo tecnológico, científico e social. O número e a qualidade das iniciativas de inovação aos mais diversos níveis demonstram que existe talento, vontade e capacidade da Universidade de Coimbra no campo da inovação.

Mas a inovação e o conhecimento não constituem um fim em si mesmo, nem permitem por si só criar valor e crescimento se não forem difundidos, se não se traduzirem em impacto para a sociedade e se não garantirem relevância na aplicação da inovação. A inovação é a primeira etapa de um processo evolutivo e de criação de valor. A mais decisiva, é certo, mas que, para ser relevante, requer ação, estratégia, materialização em resultados concretos e valiosos. Não vale ficarmo-nos pela descoberta ou invenção. Sem desconsiderar a importância da satisfação intelectual e artística que a inovação, nos mais diversos campos, pode proporcionar, ela tem de devolver valor à comunidade.

Assegurar este trajeto não é fácil, nem é garantido. Depende da construção e reformulação contínua de uma cultura de inovação e empreendedorismo orientados para a entrega de valor à comunidade e à produção de impactos positivos na sociedade. Uma cultura traduzida num ambiente de trabalho que cultiva e promove o pensamento não ortodoxo e a sua aplicação concreta. Que assume, além disso, de forma plena que a cultura de inovação tem de penetrar em profundidade na Universidade como um todo e inspirar toda a comunidade académica, e não ficar circunscrita às lideranças.

A Universidade não é uma ilha, nem uma jangada de pedra.

As transformações sociais, económicas e demográficas em curso não permitem que a Universidade se isole ou alheie daquilo que é o seu contexto. A somar aos desafios maiores da sustentabilidade e da inovação, que são absolutamente transversais a toda a Universidade, a todas as áreas de ensino e de investigação,





a todo o seu funcionamento institucional, administrativo e contratual, à forma como cuida do património e da comunidade que a rodeia, a universidade não pode ignorar outros desafios prementes que irão, no futuro próximo, determinar a sua capacidade de evoluir e se afirmar.

Falo, por exemplo, das pressões geográficas e demográficas que se lhe colocam, envolvendo riscos muito sérios para crescimento e até à preservação do projeto da UC.

Falo das transformações importantes no mercado de trabalho e nos critérios de recrutamento e retenção de talento, crescentemente focados na formação integral dos candidatos, nas suas valências pessoais e emocionais e nas suas experiências precoces de proximidade com a realidade do trabalho – uma tendência que coloca desafios muito particulares à Universidade e que esta não pode ignorar, porque passam a integrar os critérios de avaliação de potenciais candidatos e impactam a própria reputação da Universidade.

Falo da transformação estrutural que a pandemia forçou nos modelos de ensino e de colaboração, que terão impactos no médio e no longo prazo que não estão, possivelmente, a ser objeto de uma reflexão profunda e estruturada, mas que terão consequências profundas em todas as dimensões da dinâmica universitária, incluindo nos níveis de retenção de alunos e docentes.

Falo também de algumas incertezas e perplexidades relativamente à evolução do quadro jurídico do ensino superior, que poderá, por aquilo que se desenha, promover um nivelamento das instituições de ensino superior em termos que poderão determinar o fim do modelo atual e, provavelmente, o desaparecimento de muitas das atuais instituições, nada garantindo que a sobrevivência das outras dependa dos fatores que hoje consideramos os mais relevantes para qualificar hierarquicamente as instituições de ensino superior.

O contexto atual, a nível nacional e internacional, tem igualmente determinado uma evolução muito rápida e muito profunda no que respeita à imperatividade de





elevação radical dos padrões éticos no serviço público e mais amplamente, nas instituições, públicas e privadas. A defesa da transparência e da integridade e o combate alargado contra a fraude e a corrupção não deixam ninguém nem nenhuma instituição de fora. Pelo seu alinhamento histórico pelos valores humanistas, pelo percurso íntegro nas mais diversas dimensões, sem manchas reputacionais, a Universidade de Coimbra encontra-se bem posicionada nesta matéria. Mas é importante assumir e integrar plenamente o tema da ética em todas as dimensões da sua atividade e no próprio projeto educativo, pela responsabilidade que a Universidade tem na formação integral dos mais jovens, mas também nas práticas administrativas, financeiras e de compliance, na integridade e independência da investigação científica, nos processos relacionados com a evolução na carreira, na gestão da contratação pública. Em todas estas dimensões, a Universidade tem de garantir comportamentos pautados por padrões éticos exigentes e garantir escolhas e atitudes corretas e criadoras de valor e confiança assentes no pressuposto de que nem tudo o que a lei permite é eticamente aceitável.

A Universidade superará estes desafios na medida da sua capacidade de se qualificar como um parceiro credível na construção de um futuro eticamente sustentável para as novas gerações. Em lugar de cortar amarras ou de as desleixar, tem de constituir e cuidar das pontes, internas e com o exterior.

Minhas Senhoras e meus Senhores, hoje, por ocasião da celebração do dia da Universidade, celebra-se também a atribuição do Prémio Universidade de Coimbra à Senhora Doutora Leonor Beleza. Esta decisão, tomada por unanimidade por um júri que tive a honra e o gosto de integrar, é uma honra para a própria Universidade e um sinal importante sobre a importância e a capacidade de exercício do serviço público e da defesa dos valores sociais mais relevantes, que marcaram até hoje o impressionante percurso profissional da Doutora Leonor Beleza. Não me cabe a mim fazer o seu elogio formal, mas é para mim,





na qualidade de Presidente do Conselho Geral e em todas as outras funções profissionais que exerci e exerço atualmente, imperativo referir o orgulho na atribuição deste prémio, que reconhece uma carreira e uma vida dedicadas à causa pública e ao bem-estar social. Desde logo, no exercício do serviço público enquanto académica de prestígio, na política e nas suas responsabilidades governativas, que exerceu com uma consistente entrega, retidão e coragem. Mas também no desempenho notável da gestão da Fundação Champalimaud, onde a Senhora Dra. Leonor Beleza demonstrou exatamente aquilo que antes referi ser fundamental – o exercício ético da investigação e da inovação e a sua tradução em valor entregue à comunidade através de uma capacidade de gestão muito acima dos padrões comuns e conduzida por um propósito, o que faz efetivamente a diferença. E ainda, no exercício de atividades de impacto social que desenvolve com discrição, desprendimento e humildade.

Minhas Senhoras e meus Senhores,

7

O Conselho Geral é um garante da autonomia da Universidade e assume plenamente e crescentemente o seu mandato e as suas responsabilidades. Enquanto órgão de decisão estratégica e de fiscalização da Universidade, o Conselho Geral tem vindo a desenvolver a sua atividade de forma a estar presente em todas as áreas que aqui referi, sobretudo através das suas Comissões. O Conselho Geral não se tem inibido de emitir orientações estratégicas aos órgãos de gestão, para além do exercício de uma fiscalização atenta, mas construtiva. E continuará a fazê-lo na segunda metade do seu mandato, com renovada convicção, espírito construtivo e consciência da relevância do seu papel num momento de recomeço e de reinvenção da Universidade, no final de uma pandemia que deixou marcas e transformações permanentes, no início de um novo mandato reitoral.





O Conselho Geral exerce o seu mandato com um propósito - o de contribuir para a proteção e o desenvolvimento sustentável da universidade. Mas também para a sua proteção contra riscos estruturais e de contexto, protegendo a universidade de si mesma se necessário for, das suas vicissitudes, de eventuais tendências ou manifestações de alheamento ou de fragmentação. O Conselho Geral quer contribuir, pela reflexão e pela ação, para o desenvolvimento da Universidade enquanto instituição criadora de valor. Os poderes de fiscalização e de orientação estratégica atribuídos ao Conselho Geral não constituem um fim em si mesmo ou uma mera referência formal no seu regimento. São verdadeiramente instrumentais da sua missão enquanto órgão de governança concebido para garantir o adequado funcionamento e desenvolvimento da Universidade. São, por isso, verdadeiros poderes-deveres que o Conselho Geral não pode escolher não exercer.

A Universidade, a nova equipa reitoral (a quem aproveito para desejar, em nome do Conselho Geral, as maiores felicidades) e a comunidade contam com o Conselho Geral para cumprir escrupulosamente o seu mandato, em espírito de total colaboração.

8

Muito obrigada e muitos parabéns à Universidade de Coimbra.

